

Traduções de Artigos

O pragmatismo como método de transcendência individual criativa e afetiva da humanidade¹

James Garrison

wesley@vt.edu - Universidade Estadual
e Instituto Politécnico da Virginia,
Blacksburg, Virginia, USA.

Tradutor: *Roberto Cavallari Filho*
betocavallari@flash.tv.br - UNESP/Marília

Resumo

Esse artigo pode ser abordado como um relato a respeito do significado de pragmatismo para mim, em um sentido que toca minha existência pessoal. Pragmatismo corrobora meu profundo desejo, meu *Eros*, de viver uma relação íntima com outras pessoas e de viver uma vida de significados e valores expansivos, por meio da transcendência individual criativa e afetiva.

Palavras-chave: Pragmatismo. Existência pessoal significativa. Criatividade.

Pragmatism as Humanities' Method of Creative and Loving Self-Transcendence

Abstract

This paper is a statement of what pragmatism means to me in a personal existential sense. Pragmatism satisfies my deep desire, my *Eros*, to live in intimate relation with others and live a life of expanding meaning and value through creative and loving self-transcendence.

Key words: Pragmatism. Personal existential sense. Creativity.

Introdução

Eu me perdi em um sonho quando tinha doze anos de idade. Esse sonho deixou em mim a impressão da fragilidade e da contingência que é a vida; impressão que persiste até hoje e que instigou meu caminho rumo à filosofia. Busquei a filosofia em seu sentido etimológico, como amor à sabedoria. Infelizmente, os departamentos de

¹ Gostaria de compartilhar com os leitores o fato de esse artigo ser inédito. Ele foi especialmente escrito para os estudantes brasileiros por ocasião de uma conversa com Beto Cavallari, quando me foi pedido para fazer uma íntima e breve descrição acerca do pragmatismo deweyano.

filosofia nos Estados Unidos fornecem somente amor ao conhecimento. Com exceção de A. N. Whitehead e alguns existencialistas, a filosofia não fazia sentido para mim até o momento em que apanhei uma cópia do livro de John Dewey *Experience and Nature*, no qual encontrei algo que se relacionava com minhas necessidades, desejos e impressões perturbadoras, a saber, que os seres humanos nascem vazios e sem essência. Encontrei no pragmatismo uma família filosófica de idéias que vai ao encontro do meu desejo romântico de viver uma relação íntima com o restante da existência, de tornar-me uma pessoa melhor e de fazer com que meus atos criativos tenham importância no curso dos eventos. Isso confirma o que Tom Alexander (1993, p.203-222) denomina “o *Eros* humano”, ou seja, o desejo de viver uma vida de significados e valores expansivos. Para mim, o pragmatismo é um método de transcendência individual criativa e afetiva da humanidade.

O pragmatismo é um método, no sentido clássico grego que deriva de μετ-α, que designa “dentre ou depois”, e de οδοϛ, “um caminho”; é “um caminho dentre” ou um caminho além. O pragmatismo, especialmente o método do naturalismo empírico de Dewey, oferece aventuras sem começo nem fim. O método permite nos inserirmos criativamente em novas possibilidades para além das atuais e dos impasses presentes, com seus prazeres e sofrimentos. Os pragmatistas são mais ágeis do que fortes; eles se relacionam com o presente enquanto criam artificialmente as possibilidades. Eles são poetas naquilo em que dependem da metáfora. A metáfora deriva etimologicamente, no idioma grego, de “transformar” (μετα), no sentido de “mudança”, e de φερειν, significando “parir ou carregar”. Alegoria deriva do grego “virar” (τρεπειν). A metáfora nos coloca no caminho do método; ela é o caminho pelo qual a investigação vira ou redireciona a si mesma, na procura por unidade poética entre coisas distantes e estranhas. O pragmatismo dirige o veículo da metáfora e o usa na transformação do terreno categórico. Os pragmatistas lembram que no idioma grego *poiesis* significa “fazer”, “criar” ou “chamar à existência”. Eles também lembram que “*techne*” é a forma do conhecimento da *poiesis*, e não da *episteme*. O pragmatismo prefere ocupar-se com “engenheiros” da ética, da estética e da ciência, em vez de padres moralistas, ainda que possa reconhecer uma espiritualidade divina (*numinous*) por natureza.

Na metafísica de Dewey não há essências (*eidōs*) ou substâncias (*archē*) fixas, finais e imutáveis servindo como finalidade (*telos*) fixa e *entelechia* perfeita de todo o processo de desenvolvimento natural. Também não há nenhuma fundação (*archē*) ou origem última (GARRISON, 1999). Tudo o que Dewey oferece é crescimento, um caminho para além dos significados e valores presentes que nos possui, mais do que nós os possuímos. Os que louvam o crescimento não-teológico e condenam os fins e os padrões fixos podem encontrar-se em uma jornada transcendente. O método

pragmático explora e mapeia mundos novos e sempre em desenvolvimento. Se o mapa não é o território, nas mãos dos pragmatistas ele é uma ferramenta usada para mais explorações e transformações. Eles podem usá-lo para construir barragens, pontes e estradas que levam a novas fronteiras, alterando o mapa, desse modo. Eles também podem agir de outro modo, desfrutando sabiamente as belezas encontradas, em vez de construir as suas próprias. Para os pragmatistas deweyanos, os *Homo sapiens* são *Homo poéticus*; são participantes ativos, apaixonados e criativos em um universo inacabado e inacabável, e não espectadores passivos, desinteressados e banais de um cosmos completo ou que pode ser completado.

Muitas pessoas experienciam a contingência humana e a falta de essência, como se fossem doenças do mundo. Para essas pessoas, o pragmatismo pode fornecer suficientes exemplos para que superem o seu mal-estar; pelo menos, forneceu para mim. Vamos explorar o caráter ou o *ethos* do pragmatismo.² Muitos consideram o conseqüencialismo a essência do pragmatismo. A máxima pragmática primária de Peirce enfatiza a elaboração do significado dos conceitos por meio de suas conseqüências. Para Peirce, não há nenhuma característica distintiva no significado claro de um conceito que não o leve a uma diferença na conseqüência; se todas as conseqüências de dois conceitos assumidamente diferentes são iguais, então os conceitos também são iguais. William James estendeu a abordagem de Peirce, incluindo todos os significados, objetos e idéias, enquanto Dewey aplicou-a especialmente bem aos valores. Ainda que, desde o início, Peirce tenha reconhecido a relação entre “cognição racional e propósito racional”. James extraiu a conclusão óbvia ao afirmar que todas as essências nada mais são do que “armas teológicas” do propósito humano. Seres com objetivos criam (ou, como está mais na moda atualmente, constroem) significados e essências para satisfazer seus desejos e necessidades; os mesmos recursos da construção podem ser pensados para objetos (incluindo os objetos da ciência e das formas da lógica) e valores. Uma vez criados, podemos avaliar criticamente suas conseqüências, bem como os propósitos e as paixões que os chamaram a existência.

Dewey aprendeu bem a lição de Darwin. A palavra “espécie” é a tradução latina da palavra que no grego clássico designa essência ou forma (*eidos*). Dewey fez, para todas as essências, o que Darwin fez para as espécies. O anti-essencialismo é um elemento chave no *ethos* pragmático. Por conseguinte, devemos fazer a pergunta paradoxal: o conseqüencialismo é a essência do pragmatismo? A resposta é não, não é.

² Os trabalhos a seguir foram muito importantes em minha pesquisa sobre o *ethos* do pragmatismo: Bernstein (1992), Stuhr (1987) e Scheckler (2000).

Ao mesmo tempo em que pessoalmente prefiro o pragmatismo com uma forte ênfase no conseqüencialismo (e valores), Richard Rorty nos auxilia a resolver esse impasse paradoxal. O caráter do pragmatismo nos remete à noção de “família”, um universal do tipo wittgensteiniano. Rorty é um membro da família que enfatiza a imensa importância do contingente e da natureza social de um indivíduo descentralizado. Esse indivíduo seria dependente da comunidade histórica e, acima de tudo, da comunidade lingüística, mais do que das conseqüências. Da mesma forma que a tribo indígena dos Seminólas, no estado da Flórida, o pragmatismo adota muitas pessoas diferentes, incluindo escravos fugitivos.³ Assim como os primeiros membros e os escravos que formaram essa tribo, a filosofia analítica, a epistemologia ou a lógica antiga podem encontrar consolo e companheirismo no pragmatismo democrático pluralista, sem obedecerem as imposições doutrinárias reducionistas.

Para os pragmatistas deweyanos, ter uma mente é participar nas práticas sociolingüísticas de uma comunidade; ter autoconsciência é ter de desempenhar o papel de outros na comunidade. A participação em comunidades democráticas é o melhor método para a transcendência individual criativa e afetiva. A participação plena em tais comunidades nos permite criar as essências que precisamos ou desejamos nas relações afetivas com aqueles que sustentam nosso crescimento pessoal, ao mesmo tempo em que criticam nossas criações – da mesma forma que fazemos com eles. Estou me referindo àquilo que Walt Whitman (2005, p. 521/543) chama de “adesão ou amor”, em *Democratic Vistas*; é “camaradagem afetiva”, no sentido de *philia* e *agape*, é “o espiritual” que sensibiliza para a “grande Solidariedade do mundo”. Essa compreensão dos vocábulos “amor” e “solidariedade” foi o que levou Dewey (1981, p.350) a pensar que a democracia “teve seu profeta em Walt Whitman” (tradução nossa).⁴ É uma perspectiva de democracia espiritual e dádiva afetiva como uma íntima participação em uma comunidade poeticamente co-criativa. É empreendida sob as bases de uma aventura sem fim. Eu temo que isso seja pedir muito aos Estados Unidos, embora a democracia espiritual ainda possa acontecer em algum lugar nas Américas, na África do Sul ou em qualquer outro lugar que não foi mencionado.

³ NT – A tribo indígena dos Seminólas foi constituída no século XVIII pela junção de índios provenientes de tribos espalhadas por diversas regiões dos Estados Unidos, além de escravos negros em fuga. Os Seminólas se orgulham de ser a única tribo indígena a nunca ter assinado um tratado de paz com o exército dos Estados Unidos (Fonte: Enciclopédia Wikipédia – 2007).

⁴ Nessa passagem, Dewey (1981, p.350) também afirmou que “democracia é o nome que damos a uma vida na qual a participação é livre e enriquecedora”.

Francamente, não precisamos de essências fixas para explorar as possibilidades sociolingüísticas, nem mesmo de essências fixas, para o pragmatismo ou para a democracia; o que precisamos é de comunidades democráticas, onde reconheçamos o papel da tradição, reconheçamos como as comunidades criam indivíduos únicos e como indivíduos criativos e descentralizados podem contribuir com a criação de novas comunidades. Rorty enfatiza especialmente o diálogo criativo, o *logos* vivo. Uma vez que o *logos* vivo não possui uma essência fixa e imutável, o diálogo pragmático se desenvolve e pode algum dia vir a ser extinto. Gostaria de dizer que, se o pragmatismo deixar de existir, será porque algo melhor o substituiu. Porém, contrariamente à opinião amplamente sustentada, não faz parte do *ethos* do pragmatismo deweyano a concepção de que o progresso é garantido. Podemos criar essências duradouras e maduras que funcionem para muitos propósitos práticos e que são muito parecidas com as essências eternas e imutáveis. Entretanto, para Dewey (1925, p.63), “Uma coisa pode até perdurar *secula seculorum* e ainda não ser infinita; ela irá esfarelar diante da dolorosa mordida do tempo, conforme exceda uma certa medida”. O pragmatismo também possui sua medida, mas é uma essência duradoura que pode nos servir bem, por um longo e indefinido período de tempo.

Ao invés do progresso transcendental em direção ao eterno, ao predeterminado, ao imutável e ao absoluto, o pragmatismo deweyano busca o melhoramento como transcendência das limitações do contexto presente. Os propósitos, interesses, desejos e necessidades humanas podem sempre conceber algo melhor, sem aspirar pelo perfeito. Na verdade, os pragmatistas conseguem ver nitidamente que o perfeito, o Absoluto, o Paraíso ou o fim da história não são o que aparentam ser, pois são reinos onde não é possível criar mais significados sem cair em decadência, pecado e corrupção. A criação não pode ter continuidade nesses reinos. Pior ainda é que as perspectivas da perfeição absoluta acabaram por se tornarem responsáveis por alguns dos piores atos da história humana. Uma vez que criamos um mundo perfeito, o que nos resta fazer com os resíduos da criação? Nós nos despojamos deles, é claro. Essa é a “lógica” da limpeza étnica (ou, de um modo menos eufêmico, do genocídio). É melhor lutarmos contra o sofrimento, baseados na invenção criativa de idéias que funcionam e na inteligência crítica. Não há um fim para o trabalho de criação em um universo darwiniano, ainda que possamos geralmente relaxar, curtir a paisagem, apreciar o que acabamos de criar e nos maravilharmos com o que encontramos.

O pluralismo que preza a diferença e a cultiva de modo criativo é outra parte importante do pragmatismo; é o responsável pela abertura e hospitalidade do pragmatismo ao que é estranho. O pluralismo holístico pragmático permite uma

percepção mais clara de um universo em que há divergências, desarmonias e discórdias sem fim, ainda que tudo se conecte potencialmente com todo o resto. Quando os agentes se relacionam de uma maneira nova, criações acontecem e os seres entram no fluxo de eventos que nunca existiram anteriormente.

O pragmatismo adapta-se a novos contextos (o pragmatismo é contextual, assim como pluralístico) e se desenvolve, precisamente porque transaciona com a diversidade e a diferença. Transacionalismo também faz parte do *ethos* pragmático de Dewey. O pragmatismo neodarwiniano de Dewey reconhece que tanto o racista quanto o xenófobo estão terrivelmente errados; a diversidade, e não a homogeneidade, é a chave para a sobrevivência e para o crescimento. Ainda que Dewey tenha rejeitado a maior parte da ontologia Ocidental, ele manteve um lugar para a transação entre o atual e o potencial, ainda que para ele não houvesse nenhuma potência latente. As sementes de carvalho não se transformam em árvores porque contêm essência eterna e *entelechia*; em vez disso, elas se transformam em algo que emerge de suas transações com o ambiente. O potencial de qualquer coisa ou de qualquer pessoa é condicionado por aquilo que eles ainda possam transar, de modo que só após a transação é que podemos saber qual é o potencial de uma pessoa. Dewey rejeita as noções fixas e teológicas do desenvolvimento, incluindo o desenvolvimento humano. É necessário envolver-se em novas transações para alcançar individualidade singular; é precisamente nesse ponto que a democracia pluralística mostra ser de grande ajuda. A meta da democracia, proposta por Whitman e Dewey, é pôr em prática o potencial singular de cada indivíduo, de forma que cada um possa realizar sua distinta contribuição à comunidade.

O anti-representacionalismo, bem como o anti-essencialismo e o anti-fundacionalismo, também fazem parte do *ethos* pragmático. É uma das formas primárias do pragmatismo evitar o relativismo e também uma série de dualismos (sujeito versus objeto, mente versus corpo, ideal versus real etc.). O antidualismo e a continuidade também são partes importantes do *ethos* pragmático. Isto não significa que os pragmatistas sejam incapazes de fazer distinções sutis ou reconhecer rupturas. Na verdade, para um filósofo analítico experiente como eu, uma das atrações do pragmatismo deweyano é a sua habilidade em fazer importantes distinções, quando necessárias.

Em um mundo sem certezas, o pragmatismo deposita sua fé na sabedoria coletiva e na inteligência humana criativa. Isto substitui aquilo em que as gerações passadas se apoiaram, a saber, a proteção fornecida pelos Deuses. Ao compreender os seres humanos como criadores, o pragmatismo pode ter encontrado o que há de mais “parecido com Deus” em nós – o amor ao próximo e a criação de significado. Dentro

desse contexto, vamos examinar a sabedoria de três grandes professores: Sócrates, Jesus e Buda. Sócrates ensinou a virtude da ignorância como o caminho à sabedoria, algo incompreensível para aqueles que amam somente o conhecimento. Jesus ensinou o amor e a humildade do espírito, algo que aqueles que ambicionam com ganância o cabedal de conhecimentos nunca conhecerão. Buda ensinou a insatisfação que ataca o ego e abre mistérios para além do conhecimento. Existe um tipo de liberdade que tem sentido somente para aqueles que compreendem a sua contingência, aceitam a sua falta de essência e afirmam o falibilismo de seus conhecimentos. Isso é um lugar diferente das noções liberais de liberdade positiva e liberdade negativa, e mais distante ainda da noção de livre arbítrio. É a forma de liberdade que Heidegger defendeu em sua resposta à destituição de nosso tempo, na medida em que ele se afasta da vontade de poder de Nietzsche e se volta para os poetas, que são os que podem nomear os necessários Deuses. Aqueles que aceitam a insatisfação irão recorrer ao amor, à conexão, à compaixão, à comunidade, ao melhoramento, à pluralidade e à criatividade, para satisfazer suas vontades espirituais. O pragmatismo é uma filosofia para tempos empobrecidos; diferente da filosofia de Heidegger, entretanto, o pragmatismo não se apressa em preencher o existencial com a palavra totalitária de qualquer Deus; ao contrário, o pragmatismo escuta pacientemente as vozes pluralísticas da comunidade democrática onde a relação é possível. O pragmatismo busca o *summum bonum* no meio das multidões. Os pragmatistas são livres para explorar possibilidades, o que nunca ocorrerá àqueles que sabem exatamente quem são, ou que sabem precisamente o que querem, ou sabem como alcançar o que querem, ou sempre sabem para onde estão indo.

Envoltos na neblina de um oceano infinito, os pragmatistas navegam com confiança no amor, na criatividade e na inteligência, e não na certeza, na essência eterna e na racionalidade atemporal. O pragmatismo fornece ferramentas úteis de navegação em um oceano de existências a serem criadas. Acredito que o pragmatismo seja a esponja que absorve o oceano niilista da inexistência, descrito tão bem pelo *madman* de Nietzsche; daqui por diante, meus amigos, dancem e cantem com alegria, mas não pensem que os que chegam são os que partiram.

O que é a vida? Como devo viver? Qual o significado da vida? Parte da reverência natural de Dewey (inspirada por William Wordsworth) é que, ao responder a essas questões, nós deixamos aberturas para outras respostas. Somado ao reconhecimento do *Eros* humano, Dewey reconheceu uma vida de contínuo crescimento, que procura inteligentemente sempre expandir o valor e o significado. Para ele, o significado da vida é fazer criativamente mais significado. Dewey adotou a convicção de James de que o pragmatismo é primariamente uma visão; bem como eu

também adotei. Qual é a sua visão do pragmatismo? Eu espero envolver-me em diálogos criativos e transformativos com você sobre essas questões existências, que ainda persistem.

Referências

- ALEXANDER, T. The human eros. In: STUHR, J. J. (Org.) *Philosophy and the reconstruction of culture*. Albany: State University of New York Press, 1993.
- BERNSTEIN, R. *The new constellation*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1992.
- DEWEY, J. The Public and Its Problems. In: BOYDSTON, J. A. (Org.). *John Dewey: The Later Works*. v. 2. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1984.
- ENCICLOPÉDIA LIVRE/WIKIPÉDIA. http://en.wikipedia.org/wiki/Main_Page. Acesso em 29 de ago. 2007.
- GARRISON, J. John Dewey, Jacques Derrida, and the metaphysics of presence. In: *Transactions of the Charles S. Peirce Society*. v. 35, n. 2, p. 346-372. Indiana University Press, 1999.
- SCHECKLER, R. *Weaving feminism, pragmatism, and distance education*. Dissertação (Mestrado em Educação) – School of Education, Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg, VA, 2000.
- STUHR, J. J. Classical American philosophy: introduction. In: _____ . (Org.). *Classical American philosophy: essential readings and interpretive essays*. New York: Oxford University Press, 1987.
- WHITMAN, W. Democratic vistas. In: Crasnow, E. (Org.). *Leaves of grass And selected prose*. London: Orion Publishing Group, 1993.